

**ETHOS DISCURSIVO E ESCRITA DE SI EM CONTEXTOS TERAPÊUTICOS:
CARTAS DE AMOR E RESISTÊNCIA**
SUBJETIVIDADES, POLIFONIA E (RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM
SITUAÇÕES DE INCOMUNICABILIDADE

Giovana Reis Lunardi¹

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido apresenta resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito do Doutorado em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), submetida ao Programa de Pós-Graduação da instituição como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística. A investigação dedica-se ao estudo do gênero epistolar e de suas potencialidades discursivas, tomando como *corpus* correspondências produzidas em contexto terapêutico, com ênfase na constituição do *ethos* discursivo, na escrita de si e nos efeitos da polifonia na construção de sentidos e na (re)configuração das subjetividades.

O gênero epistolar ocupa um lugar relevante na história das práticas de linguagem, constituindo-se como espaço de interação, construção de sentidos e manifestação de experiências, identidades e posicionamentos discursivos. Mesmo diante das transformações nas formas contemporâneas de comunicação, as cartas permanecem como registros discursivos relevantes, capazes de revelar experiências, identidades e modos de constituição do sujeito. Nesse contexto, a pesquisa analisa correspondências bilíngues (português-espanhol) produzidas em ambiente terapêutico, investigando como o *ethos* discursivo, a escrita de si e a polifonia se articulam na produção de sentidos na relação enunciativa entre eu-tu, favorecendo processos de (re)construção identitária.

A partir desse cenário, a pesquisa parte da seguinte questão: de que modo o *ethos* discursivo, articulado à escrita de si e à polifonia, evidencia o potencial terapêutico das cartas de amor e resistência e contribui para a emergência e a reconstrução das identidades dos missivistas? Assume-se, como hipótese, que a escrita epistolar, ao possibilitar a elaboração de narrativas de si e do outro, atua como recurso terapêutico, favorecendo processos de autoconhecimento, ressignificação de experiências e (re)configuração identitária.

O objetivo geral do estudo consiste em analisar como o *ethos* discursivo se constitui nas cartas de amor e resistência e de que forma esse processo se relaciona à escrita de si, à emergência das identidades e à elaboração de sentidos sobre as experiências dos interlocutores. A relevância da pesquisa reside na ampliação dos estudos sobre o gênero epistolar e na compreensão da escrita de si como prática discursiva com potencial terapêutico e transformador, especialmente em contextos de vulnerabilidade e restrição comunicativa.

¹ Docente substituta no Curso de Letras – Português e Espanhol – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Realeza. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Letras/Estudos Linguísticos (UPF). Especialista em Alfabetização e Letramento (Unifatecie). Especialista em Produção e Revisão de Textos (UnoChapecó). Especialista em Literaturas do Cone Sul (UFFS/Chapecó). Graduada em Letras Português/ Espanhol e suas Respectivas Literaturas (Unoesc).

1 METODOLOGIA

Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, documental e exploratória, de natureza qualitativa, derivada dos resultados da tese de doutorado desenvolvida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Situada no campo dos estudos discursivos, esta investigação fundamenta-se na interface entre a Análise do Discurso de orientação francesa, os estudos enunciativo-discursivos e as reflexões sobre a escrita de si em contextos clínico-terapêuticos, mobilizando conceitos como dialogismo, *ethos* discursivo e polifonia para compreender os processos de constituição subjetiva mediados pela linguagem.

Parte-se da compreensão de que a linguagem constitui um espaço privilegiado de produção de sentidos, de constituição das subjetividades e de elaboração das experiências vividas, sendo atravessada por múltiplas vozes sociais, históricas e culturais. Nessa perspectiva, a escrita de si em contexto clínico-terapêutico é compreendida como uma prática discursiva capaz de favorecer processos de reflexão, reconstrução identitária e ressignificação da experiência.

O *corpus* reúne 70 cartas bilíngues (português-espanhol), produzidas entre setembro de 2020 e abril de 2021 em contexto de incomunicabilidade, por dois internos de uma Comunidade Terapêutica (CT) durante o período de acolhimento institucional, circunstância que impossibilitava o contato verbal e físico entre os interlocutores. Para os fins deste estudo, foram selecionadas as cartas mais representativas em relação aos objetivos da pesquisa, privilegiando-se aquelas que evidenciam a construção do *ethos* discursivo, os movimentos de escrita de si, a emergência de múltiplas vozes e os processos de subjetivação inscritos no discurso.

Os procedimentos analíticos concentram-se na identificação das marcas linguístico-discursivas que projetam imagens de si e do outro na materialidade das cartas, buscando compreender de que modo a escrita epistolar atua como espaço de elaboração subjetiva, reconstrução identitária e resistência. Nessa perspectiva, as correspondências são compreendidas não apenas como meio de comunicação, mas como prática discursiva capaz de mobilizar processos de autoconhecimento, produção de sentidos e ressignificação da experiência vivida. Desse modo, investiga-se a constituição de um *ethos* discursivo polifônico, resultante da interação entre experiências pessoais, memórias e discursos socialmente compartilhados.

Nessa perspectiva, as cartas são compreendidas como práticas de escrita de si que ultrapassam sua função comunicativa, configurando-se como espaços de elaboração subjetiva, reconstrução identitária e resistência. A partir da análise das correspondências, procura-se evidenciar o potencial terapêutico da escrita epistolar, bem como sua contribuição para os processos de autoconhecimento, produção de sentidos e (re)construção das subjetividades em contexto de tratamento clínico-terapêutico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa fundamenta-se na concepção de linguagem como prática social e constitutiva do sujeito, compreendida não apenas como instrumento de comunicação, mas como espaço de produção de sentidos, de construção identitária e de transformação da experiência humana. Nessa perspectiva, dialoga com os estudos de Austin (1990), para quem a linguagem possui caráter performativo, realizando

ações e produzindo efeitos no mundo. Tal entendimento permite conceber a escrita epistolar, em contexto terapêutico, como uma prática de resistência e (re)existência, por meio da qual os sujeitos elaboram experiências, mantêm vínculos afetivos e constroem possibilidades de reconstrução subjetiva.

A fundamentação teórico-metodológica estabelece interface entre os estudos do dialogismo e da interação verbal (Bakhtin, 1997, 2006), da enunciação e da subjetividade na linguagem (Benveniste, 2005, 2006), da polifonia enunciativa (Ducrot, 1987, 1988), do *ethos* discursivo (Maingueneau, 2010, 2015, 2020; Amossy, 2016, 2020) e das práticas de escrita de si, cuidado de si e constituição do sujeito (Foucault, 2004, 2006, 2011). Dialoga, ainda, com contribuições da Terapia Narrativa (White; Epston, 1990; White, 2002) e dos estudos sobre o gênero epistolar.

A análise das cartas apoia-se nos estudos enunciativo-discursivos de Benveniste (2005, 2006), Bakhtin (2006), Maingueneau (2010, 2015, 2020) e Ducrot (1987, 1988), compreendendo a enunciação como o acontecimento que instaura a relação entre os sujeitos e materializa marcas de subjetividade no discurso. Nessa direção, a correspondência é entendida como um espaço dialógico atravessado por múltiplas vozes, memórias e posicionamentos, evidenciando processos de negociação de sentidos e de constituição identitária. Como afirma Benveniste (2006, p. 84), “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, uma vez que a subjetividade emerge da relação entre um eu e um tu instaurada no ato enunciativo.

As contribuições do Círculo de Bakhtin (2003; 2011) fornecem a base para compreender o caráter dialógico da linguagem. Para o autor, todo enunciado estabelece relações com enunciados anteriores e posteriores, configurando-se como resposta a outros discursos e antecipação de novas réplicas. Nessa perspectiva, os discursos analisados são entendidos como construções marcadas pela alteridade e pela circulação de diferentes vozes sociais. De acordo com Bakhtin (2011, p. 294), “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”, evidenciando que a produção de sentidos ocorre sempre na relação com o outro.

A partir dessa perspectiva dialógica, a pesquisa concentra-se especialmente nas reflexões de Dominique Maingueneau (2008; 2020) acerca do *ethos* discursivo. Para o autor, o *ethos* corresponde à imagem de si construída pelo sujeito no e pelo discurso, por meio de escolhas linguísticas, posicionamentos enunciativos e estratégias discursivas. Trata-se de uma imagem que não preexiste ao enunciado, mas emerge no próprio ato de enunciar. Segundo Maingueneau (2008), o *ethos* desempenha papel fundamental na legitimação do discurso, influenciando a maneira como o enunciadador é percebido por seus interlocutores.

A discussão sobre *ethos* discursivo está ancorada nos trabalhos de Maingueneau (1998, 2008, 2018, 2020), que o concebe como a imagem de si construída na e pela enunciação. Associado às noções de cenografia e cena da enunciação, o conceito permite compreender como os missivistas projetam identidades, constroem vínculos e produzem efeitos de sentido por meio da escrita.

Articulada à noção foucaultiana de escrita de si (Foucault, 2004, 2006, 2014), a carta é concebida como prática discursiva de autorreflexão e cuidado de si, favorecendo processos de subjetivação, ressignificação da experiência e reconstrução de trajetórias marcadas pela vulnerabilidade e pelo isolamento.

O conceito de *ethos* discursivo, desenvolvido por Maingueneau, refere-se à imagem de si construída pelo enunciadador no próprio ato de enunciar. Essa imagem não corresponde à personalidade real do sujeito, mas ao efeito discursivo produzido por escolhas linguísticas, posicionamentos argumentativos e modos de dizer.

Segundo Maingueneau (2008), o *ethos* constitui um elemento central para a legitimação do discurso, pois influencia a forma como o interlocutor percebe e interpreta aquele que enuncia. Nas cartas analisadas nesta pesquisa, o *ethos* manifesta-se na construção de uma imagem de si marcada por afetos, memórias, experiências e processos de autorrepresentação.

A compreensão dos *ethé* construídos pelos missivistas é ampliada pelos estudos de Oswald Ducrot (1987; 1988) acerca da polifonia enunciativa. Ao problematizar a concepção de um sujeito uno e homogêneo da enunciação, o autor demonstra que um mesmo enunciado pode reunir múltiplas vozes, pontos de vista e posições enunciativas. Tal perspectiva mostra-se especialmente profícua para a análise das cartas, nas quais a imagem de si se constitui pela interação entre diferentes vozes mobilizadas no discurso, permitindo ao locutor assumir, negociar ou refutar distintos posicionamentos enunciativos.

Nesse sentido, as cartas constituem um gênero particularmente propício à manifestação da polifonia, uma vez que nelas o sujeito dialoga simultaneamente com diferentes interlocutores. O *ethos* construído nesses textos revela-se, portanto, essencialmente polifônico, pois emerge da interação entre vozes que se complementam, se tensionam e se reconfiguram ao longo da escrita. Assim, a imagem de si projetada nas cartas não é estável ou unívoca, mas resultado de um complexo processo de negociação discursiva.

Além disso, a pesquisa dialoga com os estudos da escrita de si, especialmente a partir das reflexões de Michel Foucault (2004; 2006), que compreende a escrita como uma prática de elaboração da experiência e de constituição do sujeito. Para o autor, escrever sobre si implica um trabalho reflexivo que possibilita organizar memórias, reinterpretar vivências e produzir novos sentidos para a própria trajetória. Dessa forma, a escrita assume um papel fundamental nos processos de subjetivação e construção identitária.

A articulação entre dialogismo, *ethos* discursivo, polifonia e escrita de si permite compreender as cartas como práticas discursivas de constituição do sujeito, nas quais a produção de sentidos e a construção identitária decorrem da interação entre múltiplas vozes. Nessa perspectiva, o *ethos* configura-se como essencialmente polifônico, pois, ao escrever sobre si, os missivistas mobilizam lembranças, afetos e discursos familiares, sociais e culturais, projetando imagens de si continuamente (re)elaboradas na negociação de posições enunciativas. Desse modo, o referencial teórico adotado possibilita analisar como os sujeitos elaboram experiências, constroem posicionamentos discursivos e produzem sentidos por meio da linguagem.

3 ANÁLISE

A análise do *corpus* foi orientada por categorias enunciativo-discursivas que permitiram compreender a constituição das subjetividades nas cartas. Inicialmente, observou-se o funcionamento do aparelho formal da enunciação proposto por Benveniste (2005, 2006), especialmente a relação entre as categorias de pessoa (eu-tu), tempo e espaço, uma vez que a correspondência epistolar se configura como um espaço privilegiado de instauração da subjetividade na linguagem. Conforme o autor, é por meio da enunciação que o sujeito se constitui como “eu” diante de um “tu”, instaurando uma relação de alteridade indispensável à produção de sentidos.

Associada a essa perspectiva, a análise considerou a constituição do *ethos* discursivo, compreendido como a imagem de si construída pelo locutor no próprio

discurso (Maingueneau, 2008, 2015). Foram observados elementos linguísticos e discursivos capazes de revelar modos de apresentação de si, posicionamentos subjetivos, marcas de afetividade, estratégias argumentativas e processos de identificação entre os interlocutores. Também foi examinada a presença da polifonia discursiva (Ducrot, 1987), identificando vozes, discursos e referências mobilizados pelos missivistas na construção dos sentidos.

Nas primeiras cartas, observa-se que a relação eu-tu constitui o eixo organizador da interação. O Locutor 1 escreve: “Me llamaste tanto la atención que decidí tomar el riesgo y ir contra las reglas de la casa”. Nesse enunciado, o sujeito instaura-se como “eu” ao dirigir-se explicitamente a um “tu”, cuja existência passa a justificar o próprio ato de escrever. Conforme Benveniste (2005), o pronome pessoal não designa uma realidade fixa, mas uma posição discursiva assumida no momento da enunciação. Assim, o “eu” somente existe porque encontra um “tu” a quem se dirigir. A mesma dinâmica pode ser observada na resposta do Locutor 2: “Quisiera acreditar en tuas palabras todas... embora um pouco cética ainda fico”. Ao responder à carta recebida, a interlocutora assume a posição de “eu” diante do discurso previamente produzido pelo outro. Desse modo, as cartas evidenciam um movimento contínuo de alternância enunciativa, no qual remetente e destinatário ocupam sucessivamente as posições de eu-tu, construindo uma relação dialógica sustentada pela palavra escrita.

Além da categoria de pessoa, destacam-se marcas temporais e espaciais recorrentes nas correspondências. Expressões como “aquí”, “agora”, “neste lugar”, “por hora” e referências ao contexto de internação revelam a constituição de uma cena enunciativa específica, marcada pela incomunicabilidade e pelo isolamento. Os dêiticos não apenas localizam os interlocutores no tempo e no espaço, mas também reforçam a condição compartilhada que possibilita a emergência de um *ethos* de resistência e solidariedade.

A constituição do *ethos* discursivo ocorre paralelamente à construção da relação entre os interlocutores. No trecho “quisiera crear un nuevo camino para recorrer pero esta vez contigo a mi lado”, o Locutor 1 projeta uma imagem de si associada à esperança, ao afeto e ao desejo de transformação. Já o Locutor 2 constrói um *ethos* marcado pela sensibilidade estética, pela reflexão e pela cautela, perceptível em enunciados como “fiquei emocionada com cada palavra” e “embora um pouco cética ainda fico”. Tais imagens não são apresentadas de forma explícita, mas produzidas pelo modo como os sujeitos se posicionam na linguagem.

Os resultados evidenciam que a escrita de si epistolar promove um processo simultâneo de interação e autoconhecimento. Ao escrever para o outro, os missivistas também escrevem sobre si mesmos, reelaborando experiências, sentimentos e projetos de vida. Nesse sentido, a relação eu-tu observada nas cartas ultrapassa a dimensão comunicativa e assume uma função terapêutica, pois favorece a reconstrução identitária dos sujeitos em um contexto de vulnerabilidade e acolhimento terapêutico.

A análise também revelou a presença de múltiplas vozes no discurso, aspecto que aproxima o *corpus* da concepção polifônica proposta por Ducrot (1987). Referências a obras literárias, diferentes idiomas, crenças e experiências de vida atravessam as correspondências, contribuindo para a constituição dos *ethé* discursivos. Desse modo, as cartas configuram-se como espaço de encontro entre diferentes vozes e perspectivas, permitindo aos sujeitos narrar suas trajetórias e ressignificar suas experiências.

Os resultados evidenciam que a escrita de si, desenvolvida no contexto epistolar, ultrapassa a função comunicativa e assume uma dimensão terapêutica. Ao escrever sobre si para um outro, os missivistas realizam um exercício contínuo de reflexão, autoconhecimento e reconstrução identitária. Nesse sentido, as cartas constituem não apenas um meio de interação, mas também um espaço de elaboração subjetiva, no qual a linguagem atua como instrumento de cuidado de si e de transformação.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa partiu da investigação das cartas produzidas em contexto terapêutico por sujeitos em situação de incomunicabilidade, buscando compreender de que modo a escrita epistolar, articulada à construção do *ethos* discursivo e à escrita de si, poderia atuar como recurso terapêutico e favorecer processos de reconstrução identitária. Fundamentada em uma perspectiva interdisciplinar que reuniu contribuições dos estudos da linguagem, da análise do discurso, da filosofia e dos estudos sobre escrita terapêutica, a pesquisa analisou um *corpus* singular de cartas bilíngues (português-espanhol), produzidas durante um processo de recuperação e acolhimento terapêutico.

Os resultados obtidos permitiram confirmar a hipótese central da investigação: *a escrita epistolar, especialmente quando associada à escrita de si e ao diálogo com o outro, apresenta potencial terapêutico e atua na reconstrução das identidades dos sujeitos envolvidos*. As análises evidenciaram que as cartas constituem um espaço privilegiado de produção de sentidos, elaboração de experiências, construção de subjetividades e reelaboração de imagens de si.

A análise das cartas evidenciou que o *ethos* discursivo constitui uma categoria central para compreender como os missivistas projetam, negociam e transformam suas identidades ao longo da correspondência. Sua constituição ocorre concomitantemente ao estabelecimento da relação entre os interlocutores, uma vez que, nas primeiras cartas, a ausência de conhecimentos prévios faz da linguagem o principal recurso para a apresentação de si e para a construção das identidades discursivas.

A pesquisa também demonstrou que as cartas analisadas extrapolam as características tradicionalmente associadas ao gênero epistolar, incorporando elementos do discurso amoroso, da escrita autobiográfica, do diário íntimo e da narrativa terapêutica. Tal configuração híbrida evidencia o caráter polifônico do *corpus*, no qual diferentes vozes, experiências e posicionamentos discursivos se entrecruzam na constituição dos sujeitos. Além disso, foi possível observar que a linguagem não atuou apenas como instrumento de comunicação, mas como espaço de existência, encontro e transformação, tornando-se elemento central no processo de recuperação vivenciado pelos interlocutores.

No que se refere aos objetivos propostos, considera-se que foram alcançados, uma vez que a investigação possibilitou caracterizar *o gênero das cartas de amor e resistência* presentes no *corpus*, identificar os mecanismos de construção do *ethos* discursivo e compreender a função da escrita de si como prática de cuidado e reconstrução subjetiva. Os resultados reforçam a relevância da linguagem como prática social e ação constitutiva dos sujeitos, evidenciando que o ato de escrever pode favorecer processos de autoconhecimento, reflexão e reorganização identitária.

Como contribuição, o estudo amplia as discussões sobre as interfaces entre linguagem, subjetividade e práticas terapêuticas, indicando a escrita epistolar como um recurso potencialmente relevante em contextos de acompanhamento clínico, psicológico, educacional e social. Ao mesmo tempo, evidencia a necessidade de aprofundar investigações sobre diferentes modalidades de escrita de si em contextos terapêuticos, bem como sobre os efeitos discursivos e subjetivos produzidos por práticas de escrita mediadas por diferentes suportes e gêneros textuais.

Por fim, conclui-se que as cartas analisadas constituem mais do que registros de uma experiência vivida: configuram-se como espaços de elaboração da existência, nos quais a palavra escrita assume uma função transformadora. Nesse sentido, a pesquisa reafirma o potencial da escrita epistolar como prática de cuidado de si e do outro, capaz de promover processos de ressignificação, resistência e reconstrução identitária por meio da linguagem.

REFERÊNCIAS

- ABES, Gilles Jean. As veredas do gênero epistolar: história e fortuna da correspondência de Baudelaire. **Letres Françaises**. n.16 (1), pp. 45-63, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/8398/5655>> Acesso em: 03 maio 2022.
- AMOSSY, Ruth (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- AMOSSY, Ruth. **Argumentação no discurso**. Coord. da Tradução Eduardo Lopes Piris e Moisés Olimpio-Ferreira; tradução de Angela M.S. Corre.[et al.]. São Paulo: Contexto, 2020.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras em ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail M. [1979]. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 2002.
- BARROS, L. P. C. de P. R. & RASERA, E. F. (2012). O uso das cartas terapêuticas na prática clínica. **Psicologia Clínica**, vol. 24, n.1, p. 193 – 207, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/d66df8rmxy9pYCrFvhVP9ww/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 jun. 2026.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. Tradução de Hortênsia dos Santos. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.



III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELLI

13 e 14 de maio de 2026

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2006.

BOUVET, Nora Esperanza. **La escritura epistolar**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires (EUDEBA), 2006. 220p.

BUKOWSKI, Charles. **Escrever para não enlouquecer**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2071/1210>. Acesso em: 20 jun. 2026.

_____. **Cartas a um jovem terapeuta** – reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CONTIJO, Rebeca. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu”. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, pp. 163 - 193, 2004.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marquez Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. Assinatura Acontecimento Contexto. In: **Margens da Filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa, Antônio M. Magalhães. Campinas: Papiurs, pp. 349-373, 1991.

DIAZ, Brigitte. **Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade**. São Paulo: EDUSP, 2016.

DUCROT, Oswald. **Princípios de Semântica Linguística – Dizer e Não Dizer**. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. **Provar e Dizer – leis lógicas e leis argumentativas**. São Paulo: Global, 1981.

_____. **O Dizer e o Dito**. Cultrix: São Paulo, 1987.

_____. **Polifonía y argumentación**. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

_____. A pragmática e o estudo semântico da língua. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v.40, n. 1, p. 9-21, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Coleção Passagens, Vega, 1992.

_____. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos. Volume V: ética, sexualidade e política**. Tradução Elisa Monteiro e Inês Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 144-162, 2004.



III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELLI

13 e 14 de maio de 2026

_____. **A hermenêutica do sujeito.** Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A coragem da verdade** – o governo de Si e dos Outros II. Curso dado no Collège de France. (1983- 1984). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Ditos e escritos, Volume IX:** Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro:** autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. 205 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Instituto de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:
<https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/6168/1/DIANA%20KLINGER.pdf> Acesso em: 20 jun. 2026.

LAJOLO, Marisa. **Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução dos leitores.** Matraga, Rio de Janeiro, ano 9, n. 14, pp. 61-75, 2002. Disponível em:
<http://www.pgletas.uerj.br/matraga/matraga14/matraga14a04.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2026.

LEJEUNE, Philippe. **A quem pertence uma carta?** In: _____. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Org. Jovita M. G. Noronha. Trad. Jovita M. G. Noronha e Maria I. C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 251-254, 2008.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes:** os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. Tradução Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso.** Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP, Pontes/Ed. Unicamp, 1997.

_____. **Gênese dos discursos.** Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. **Cenas da enunciação.** Tradução de Sírio Possenti e Maria Cecília Peres se Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. **Discurso Literário.** Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **El enunciador encarnado - La problemática del ethos.** Versión Estudios de Comunicación y Política, Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco (UAM-X), n. 24. p. 203 - 225, 2010. Disponível em:
https://publicaciones.xoc.uam.mx/resumen_articulo.php?id=7189. Acesso em: 20 jun. 2026.



III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELLI

13 e 14 de maio de 2026

_____. **Discurso e análise do discurso.** Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015a.

_____. A propósito do *ethos*. Trad. Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). **Ethos discursivo.** São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2015b.

_____. Retorno crítico à noção de *ethos*. Tradução do francês de Maria da Glória Corrêa di Fanti e Liz Feré. In: **Letras de Hoje**, v. 53, n. 3, p. 321-330, jul.- set. 2018.

_____. **Variações sobre o Ethos.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

PESSOA, Fernando. **Cartas de amor.** São Paulo: Tecnoprint S.A., 1986.

WHITE, Michel. & EPSTON, David. **Medíós narrativos para fines terapéuticos.** Barcelona: Paidós, 1990.

WHITE, Michel. **Reescribir la vida:** entrevista y ensayos. Barcelona: Gedisa editorial, 2002.